

A ESCOLA DE BRAGA E A FORMAÇÃO HUMANÍSTICA

Tradição e Inovação

Coordenação de:

Maria Celeste Natário

José Gama

Zéfiro


Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

Com o apoio de:



Faculdade de Filosofia
de Braga



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Título

A Escola de Braga e a Formação Humanística – Tradição e Inovação

Coordenação

Maria Celeste Natário & José Gama

Editores

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª Edição: Julho de 2010 | ISBN: 978-989-677-031-0

Depósito Legal: 310 835/10 | Impressão: Digital XXI – Soluções Gráficas

© 2010, Zéfiro



Zéfiro

Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

Tel.: (+351) 914 848 900 – Email: zefiro@zefiro.pt

www.zefiro.pt

ÍNDICE

Prefácio	9
I – CONFERÊNCIAS	
A Matriz Inspiradora da Escola de Braga	13
<i>Roque Cabral</i>	
Os Antecedentes Próximos da Escola de Braga	15
<i>J. Pinharanda Gomes</i>	
A Escola de Braga e a Renovação Filosófica Contemporânea em Portugal	35
<i>António Braz Teixeira</i>	
A Escola de Braga no Contexto Luso-Brasileiro	37
<i>Ricardo Vélez Rodríguez</i>	
A Escola de Braga no Séc. XVI	57
<i>Margarida Miranda</i>	
A Escola de Braga e os Estudos Gramatológicos e Histórico-Linguísticos.....	75
<i>Amadeu Torres</i>	
O Magistério do Padre João Mendes, SJ, ou a “Arte da Palavra Significante”	85
<i>Mário Garcia, SJ</i>	
Diamantino Martins, da Escola de Braga, no Contexto do Pensamento Pedagógico Português Contemporâneo.....	93
<i>Manuel Ferreira Patrício</i>	
José Bacelar e Oliveira e o Neotomismo na Escola de Braga.....	131
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
Formación Jesuítica para una Europa más Humana.....	141
<i>Augusto Hortal Alonso S.J.</i>	
II – COMUNICAÇÕES	
I. MEMÓRIAS DOS MESTRES: ESTUDOS E TESTEMUNHOS	
P. António Freire, S.J.: Um Génio, no Ocaso dos Estudos Clássicos em Portugal.....	161
<i>Manuel Losa, S.J.</i>	
P. António Freire, S. J.: O Humanista e o Exímio Pedagogo	169
<i>António Maria Martins Melo</i>	
A Questão do Uso e da Norma nas <i>Lições de Filologia e Portuguesa</i> , de A. Freire.....	179
<i>Miguel Gonçalves</i>	
O P. ^o Bartolomeu Pereira, Reitor do Colégio de S. Paulo em Braga	191
<i>Carlota Miranda Urbano</i>	
Dialéctica Vida-Morte na Obra de Júlio Fragata	201
<i>Maria da Conceição Azevedo</i>	

Aproximação do Pensamento de Diamantino Martins.....	209
<i>Cristiana de Soveral e Paszkiewicz</i>	
Escola de Braga e Metafísica: Cassiano dos Santos Abranches.....	219
<i>Manuel Guedes da Silva Miranda</i>	
No Tempo e Para Além do Tempo: Uma Docência Mítica – Na Lembrança do Padre Vitorino Sousa Alves, S.J.....	229
<i>Ramiro Délio Borges de Meneses</i>	
Manuel Simões, S.J. (1924-1995) e o Contributo para os Estudos Camilianos.....	257
<i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	
O Medievalista António Soares Pinheiro e a “Verdadeira Filosofia”	281
<i>José Gama</i>	
Da Consciência Saudosa À Consciência de Si: Entre António Dias de Magalhães e José Marinho	289
<i>Renato Epifânio</i>	

II – COMUNICAÇÕES

2. TEMAS EM DEBATE

A Escola de Braga – Uma Antecipação da Universidade do Futuro.....	299
<i>Cassiano Reimão</i>	
A Analogia do Ser.....	311
<i>José Rui da Costa Pinto, SJ</i>	
Da Ética Especial de Roque Cabral à Ética Aplicada de Adela Cortina.....	321
<i>José Henrique Silveira de Brito</i>	
A Ideia Humanista de Formação.....	333
<i>Rui Sampaio da Silva</i>	
A Filosofia e a Universidade Sem Condição, a Partir de Jacques Derrida.....	349
<i>Helena B. Catalão</i>	
José Enes – À Porta do Ser.....	367
<i>Miguel Real</i>	
A Solidão e o Desenraizamento Humano em «Seta Despedida» de Maria Judite de Carvalho	387
<i>João Amadeu Oliveira Carvalho da Silva</i>	
O Corpo como Relação ou a Relação com o que no Mundo é Tactável.....	397
<i>Paulo Andrade e Ana Pedro</i>	
Valores e Representações Sociais dos Universitários – Projecto de Estudo	409
<i>Lucília Pires e Ana Pedro</i>	
Desenvolvimento Humano a Partir de um Diálogo Permanente com o Mundo, num Espaço Viciado pela Dimensão Técnica	421
<i>Cristina Caldeira</i>	



P. ANTÓNIO FREIRE, S. J.:
O HUMANISTA E O EXÍMIO PEDAGOGO

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO¹

Há vinte e cinco anos atrás, em Guimarães, as novas instalações da Universidade do Minho acolhiam a sua primeira sessão cultural, que havia de ter como tema principal as comemorações dos 450 anos da concessão da autorização para, no então chamado Colégio da Costa, se concederem graus universitários. Um privilégio concedido pelo Núncio do Papa Paulo III, na qualidade de Legado *a Latere*, com data de 18 de Junho de 1539.

O orador convidado desta sessão solene foi um dos distintos mestres desta Casa, seu antigo Director, o Senhor Professor Lúcio Craveiro da Silva, S.J. Na sua palestra, intitulada «Guimarães, cidade universitária», falou da importância daqueles Estudos Superiores que se haviam de transformar na primeira instituição universitária desta cidade, sob a direcção de Frei Diogo de Murça, o mesmo que, alguns anos mais tarde, em 1550, e com a aprovação do rei D. João III, pediu para que este Colégio Real de Santa Maria da Costa fosse transferido para Coimbra. Com efeito, a 5 de Novembro de 1543, Frei Diogo de Muiça, a alma do Colégio universitário da Costa, havia de ser nomeado Reitor da Universidade de Coimbra.

A par deste marco fundamental na história cultural da cidade, cujas raízes se estendem aos primórdios da nacionalidade², há um outro facto

¹ Universidade Católica Portuguesa – Braga

² Numa época em que os centros culturais eram os mosteiros e os conventos, e não obstante o tempo de guerra que se vivia, na «costa da Serra de Santa Catarina quase um quarto de légua da Vila de Guimarães, fundara a Senhora Rainha D. Mafalda ou o Senhor Rei D. Afonso Henriques um Mosteiro em honra de Santa Maria pelos anos de 1154» (*Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. VI, Coimbra, 1921, p. 207).



evocado da maior relevância para o nosso assunto: a fundação, em 1937, do Curso Superior de Humanidades no Convento da Costa, que ali havia de ficar instalado até 1951. Aqui viram os Jesuítas nascer uma plêiade de professores que havia de guindar a Faculdade de Filosofia de Braga para uma posição ímpar no contexto universitário português: João Mendes, na História e Teoria da Literatura; Mário Martins, na cultura e literatura medieval; Manuel Antunes, na Cultura Clássica; João Maia, poeta e crítico literário; Júlio Fragata, Vitorino de Sousa Alves e... António Freire³, «que... constituiu indubitavelmente um dos nossos melhores conhecedores da Língua e Literatura Latina e Grega», para citar as palavras judiciosas do primeiro Reitor eleito das Universidades Portuguesas, Lúcio Craveiro da Silva⁴.

Pensamento idêntico vamos encontrar numa colectânea de estudos publicados para celebrar os 100 anos da *Brotéria*, uma revista de índole cultural e humanista, propriedade da Companhia de Jesus, fundada em 1902. O Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Arnaldo Espírito Santo, encarregar-se-ia dos temas e questões de cultura clássica que marcam quase meia centenas de artigos que vieram a lume nesta revista entre 1933 e 1995, para além de outros pequenos textos, redigidos sob a forma de notícia, recensão ou simples nota. Na sua reflexão, intitulada «Sob o signo do humanismo greco-latino», depois de falar do Jesuíta P. António Rocha, que em 1941 foi pioneiro no lançamento da ideia de uma reforma do ensino secundário que privilegiasse as humanidades – «A verdadeira reforma que urge fazer nos nossos programas escolares – diz António Rocha – é que prevaleça o que é *formativo* sobre o que é puramente *informativo*. Isto é, que o plano de estudos tenha como fim *primário* o desenvolvimento das faculdades dos alunos, e só como fim *secundário* ministrar-lhes os conhecimentos indispensáveis para a vida moderna»⁵ –, vai ele mencionar a figura que estas singelas linhas pretendem homenagear: «um dos grandes paladinos da educação humanística foi o saudoso P. António Freire, grande

³ António Freire chegou ao Convento da Costa com 17 anos de idade; estávamos em 1937, poucos meses depois de ele ter dado entrada no Noviciado, em Alpendurada (Manuel Losa, «O Humanista P. António Freire, S. J.», in: António Maria Martins Melo (Coord.), *Actas do I Congresso Internacional – Humanismo Novilatino e Pedagogia: Gramáticas, Criações Maiores e Teatro*, Faculdade de Filosofia de Braga, 1999, p. 71).

⁴ Lúcio Craveiro da Silva, *Bibliografia. Sobre a Universidade*, Proémio de Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Bibliografia por Henrique Barreto Nunes, Organização e Revisão por Manuel Gama, Braga, Universidade do Minho, 2004, p. 202.

⁵ *Brotéria* 32 (1941) 652.



helenista e não menor latinista»⁶. Palavras ditadas pela acribia de quem intuiu esta verdade eventualmente haurida num esquisso autobiográfico:

«Se o latim moldou a minha idiossincrasia de humanista, o grego embelezou-a e sublimou-a com a fascinação da sua língua rica, melódica, plurifacetada, com a sua arte incomparável e com a sua literatura ímpar em todos os géneros literários... No meu primeiro exame de Grego, em Macieira de Cambra, com 17 anos de idade, obtive 20 valores atribuídos por um júri de três professores. Daí por diante, o Grego cavou em mim tão profunda nostalgia na minha alma que ver grego, ler grego, estudar grego era para mim como se se me abrisse uma nesga do paraíso.»⁷

Não obstante estas primícias prometedoras, seria o idioma de Virgílio a levar a palma, como é reconhecido entre os seus pares: «Também é de justiça lembrar aqui que outros classicistas têm produzido obras de vulto, quer no domínio do Grego e do Latim clássicos, quer do humanístico» – estou a citar as palavras da Senhora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Professora Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a partir da sua conferência proferida na sessão de encerramento do I Congresso da Associação Portuguesa do Estudos Clássicos (APEC), intitulada *Os Estudos Clássicos entre a I República e a actualidade. Evolução e novas perspectivas* – «Por fidelidade ao princípio há pouco enunciado⁸, citarei apenas, do P. António Freire, da Faculdade de Filosofia de Braga, os volumes de gramática e, sobretudo, a *Retroversão Latina* e a *Conversação Latina*, (o conhecido Jesuíta era um fervoroso adepto do chamado Latim Vivo e, tal como Rebelo Gonçalves e Louro Fonseca, exprimia-se com notável fluência em qualquer das línguas clássicas)»⁹.

⁶ Arnaldo Espírito Santo, «Sob o signo do humanismo greco-latino», in: Hermínio Rico, S. J. e José Eduardo Franco (Coords.), *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*, Lisboa, Gradiva, 2004, pág. 355.

⁷ Manuel Losa, «O Humanista P. António Freire, S. J.» cit., p. 73.

⁸ Efectivamente, diz a Senhora Professora na passagem aqui referida: «Têm-se definido áreas de pesquisa dentro da Antiguidade Clássica (como História da Cultura Grega e Romana, Teatro Grego, Filosofia Grega, Romance Antigo) ou da sua continuação (Latim Medieval, Latim Renascentista), ou ainda da sua presença na Literatura Portuguesa. Não vou indicar nomes de pessoas vivas nem dos que, mestres consagrados, criaram uma escola promissora, nem dos jovens principiantes. Quero apenas sublinhar que são já numerosos, quer na escola de Lisboa, quer na de Coimbra, e que nesta última se incorporam também elementos que pertencem à Faculdade de Letras do Porto» (In: *Actas do I Congresso da APEC. Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa*. Coimbra, 1999, p. 459).

⁹ *Ibid.*, p. 461.



Na nossa modesta opinião, acreditamos que o Congresso de Latim Vivo de Avinhão, em 1956, terá influenciado o curso intelectual deste Jesuíta ímpar. Nesta reunião magna, ganhou corpo a ideia de se fazer do Latim não apenas língua viva, mas também língua de comunicação internacional. E António Freire, não sendo homem de se ficar para trás, ali mesmo se catapultou para as luzes da ribalta, graças ao verbo fácil, à sua eloquência que a todos deleitou: «Se há possibilidades de se ficar céptico acerca de falar latim, de se estudar latim em latim, não há cepticismo que resista à demonstração dada pelo português P. António Freire, S. J. Passou todo o tempo a conversar e a discutir sobre o latim em latim, como um nadador vigoroso que convida ao largo os relutantes e os indecisos. Fluía da boca de Freire a locução latina com a mesma fluência e desenvoltura como se tivesse vivido dois mil anos atrás. E sobejava-lhe ânimo e entusiasmo e língua expedita para repelir a todo o instante qualquer ataque e para atacar ele próprio».

Cito estas palavras do professor italiano Guerino Pacitti, escritas na revista *Studi Romani*, a partir de uma notícia inserta no *Diário do Minho*, publicado no primeiro dia de Maio de 1960, sendo então director deste matutino o P. A. Luís Vaz. A referência a este periódico justifica-se por uma outra razão, talvez bem mais importante para o assunto que estamos a tratar. Com efeito, dando razão ao aforismo latino, *res non uerba*, António Freire meteu mãos à obra e tornou-se o principal impulsionador do latim vivo em Portugal: «inspirado nas directrizes dos congressos de latim de Avinhão e de Lião, o conhecido humanista, Rev. Dr. António Freire, S. J., Presidente da Delegação Bracarense da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, a despeito de cepticismos e de apatias, abalçou-se a integrar nas actividades da Associação a que preside um curso prático de latim vivo». Assim se chegava ao conhecimento do público bracarense a sessão inaugural do *Círculo humanístico Clenardo*.

O jornalista sublinha o entusiasmo com que foi recebida esta feliz iniciativa que «resultou num autêntico triunfo para a causa do latim vivo. Compareceram radiantes de juventude e entusiasmo os alunos de latim do Colégio de Fraião, com seus professores P. Meira e P. Pires, do Seminário dos Carmelitas da Falperra com seu digníssimo Superior, alguns alunos do Curso Superior de Letras dos Jesuítas do Seminário da Torre, bem como alguns estudantes Jesuítas da Faculdade de Filosofia de Braga, algumas religiosas do Colégio de S. Doroteia do Sardão e da Paz, acompanhadas de suas alunas, religiosas Teresianas, o Rev. P. Rodrigo, professor de latim do Seminário de



Nossa Senhora da Conceição, e o Vice-Presidente da Associação de Estudos Clássicos, Dr. Américo Rodrigues Barbosa».

Uma jornada marcada pela presença significativa de instituições eclesíásticas, tendo dado nas vistas «alguns alunos do Curso Superior de Letras dos Jesuítas do Seminário da Torre, que se exibiram em latim com garbo e facilidade». Naturalmente, seriam alunos do mestre!... Tudo isto numa época em que algumas vozes da Igreja se levantavam para advogar abertamente a adopção das línguas vulgares na liturgia e até na própria missa. Sua Santidade, Pio XII, embora defendesse o uso do latim na missa, havia de conceder abertura para a administração dos sacramentos em vernáculo (*Mediator Dei*, 1947).

Língua oficial da Igreja Católica, a «bela língua do Lácio» também alguns a pretendiam transformar na língua internacional de um continente europeu que se forjou sobre uma identidade cultural comum, a Antiguidade Clássica. Efectivamente, o movimento a favor do Latim Vivo congregava um número crescente de adeptos por toda a Europa: «A grande diferença que se notou entre o I congresso de latim em Avinhão e o II em Lião – escreveu António Freire – foi precisamente o progresso feito no escrever e falar latim: enquanto que naquele poucas foram as comunicações em latim, neste foram cerca de metade e, várias das proferidas em idiomas nacionais, concluíram com resumos em latim».¹⁰

Também Portugal não ficaria indiferente a este espírito, como já vimos. Mas ouçamos um relato contagiante do próprio mestre: «A grata sensação que nos tem ficado dos cursos de latim vivo, por nós regidos em Braga e em Coimbra, não é a de os professores saírem desses cursos a falarem latim (o que seria impossível em tão pouco tempo e sem exercício pessoal), mas a resolução com que os víamos sair, de adoptar o latim como língua viva nas suas aulas de latinidade». E logo acrescenta: «Vários nos confessaram, mais tarde, terem passado o ano a falar sempre latim com os alunos nas aulas de latim. Bravo! Era isso o que pretendíamos com um esforço tão árduo, como desinteressado».¹¹

Tamanho entusiasmo faz-nos recordar o sucesso pedagógico do ensino de Clenardo que, no século XVI, em Braga, ao tempo do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, pôs a falar latim clérigos, escravos negros, crianças e idosos, não havendo lugar para tantos ouvintes.¹²

¹⁰ António Freire, «A Pedagogia do Latim», *Revista Portuguesa de Pedagogia* (1961 – 2) 275.

¹¹ *Ibid.*

¹² Cf. M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal. I – Clenardo e a sociedade portuguesa; II – Clenardo, o Humanismo, a Reforma*, 4.^a ed. rev., Coimbra Editora, 1974-1975.



É neste contexto que se deve compreender António Freire quando afirma: «continuamos a manter firmemente a convicção de que professor que não saiba falar nem escrever bem latim, não poderá ensiná-lo com gosto e proveito dos alunos. Só sabe bem francês, inglês e alemão e, conseqüentemente, só poderá ensinar bem estas línguas, quem as souber ler, escrever e falar correctamente. O mesmo se diga do latim, que para não ser língua morta, fastidiosa e inútil, importa ensinar de uma maneira vital: falando-o e escrevendo-o».¹³

Ao mestre Jesuíta, como vemos, não eram alheias as preocupações com o método de ensino. Sobre este aspecto, talvez seja bem elucidativo a citação de um parágrafo da notícia atrás mencionada que saiu a público no *Diário do Minho*: «O Rev. Dr. António Freire expôs fluente e brilhantemente algumas ideias sobre o ressurgimento do latim, sobre a criação de vocábulos latinos modernos e sobre o lugar que devem ocupar nas aulas de latinidade os autores clássicos latinos, medievais e modernos».

É assim que em 1960, na *Brotéria* (70, 533-542), publica o artigo «A didáctica do latim», mais tarde retomado na sua colectânea *Estudos de Cultura Greco-Latina* (pp. 142-161). Um ano mais tarde, na *Revista Portuguesa de Pedagogia* (1961 - 2, pp. 269-299), publicada pelo Instituto de Estudos Psicológicos e Pedagógicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sai a lume um texto intitulado «A Pedagogia do latim». Ali se indicava como caminho mais propício para a iniciação ao latim o exercício continuado de análise gramatical do texto, a partir de perguntas graduadas, breves e simples; mais tarde, o aluno seria convidado a repetir, por suas próprias palavras, o conteúdo do texto vertido; finalmente, na língua latina, faria apreciações críticas orais e escritas sobre os autores latinos e suas obras. A estes exercícios não deviam ser alheios temas da vida quotidiana.

Por isso, foi com naturalidade que a comunidade académica foi recebendo a sua produção de manuais escolares universitários: «Para facilitar toda esta série de exercícios, é-nos grato sentir que algo contribuimos com a colaboração da *Gramática* em latim, com a *Retroversão Latina* e com o volume III da *Selecta Latina* ou *Selecta Latinitatis Scripta cum romanorum ordine et iudicio*, que além de grande variedade de autores e obras, apresenta esboços biográficos com resumos e apreciações críticas, *tudo em latim*».¹⁴

¹³ António Freire, «A Pedagogia do Latim», cit., *ibid.*

¹⁴ António Freire, «A Pedagogia do Latim», cit., pág. 274.



O seu esforço na área da produção bibliográfica para o ensino do Latim seria interrompido abruptamente com a sua morte: para sempre há-de fazer, algures por aí, o seu *Dicionário Moderno Português-Latim*, que deixou incompleto. O primeiro volume da *Revista Portuguesa de Humanidades* (1997) viria a acolher, nas suas páginas, o único artigo que ele intitulou «Lexicografia Latina Moderna» (pp. 5-17) e que viria às luzes da ribalta após a sua morte. Neste texto, dá ele conta dos principais impulsionadores (P. Emílio Springhetti, António Bacci, Celestino Eichenseer, J. Jiménez Delgado, Sidney Morris, entre outros) assim como das publicações (*Latinitas*, *Melissa*, *Vox Latina*) que vão dando corpo à ideia do latim vivo, enquanto língua escrita e falada. E conclui que «o latinista de maior garra, de mais vincada personalidade e de mais nítido sabor latino que conhecemos nos tempos modernos em Portugal foi o jesuíta António Rocha, nosso inolvidável mestre de latim, redactor da *Brotéria* e tradutor do Sínodo diocesano bracarense para latim. Infelizmente, não deixou senão alguns manuscritos policopiados, uma *Syntaxis Modorum* e uma breve sinopse da Literatura Latina que, com a sua autorização, procurámos completar, modificar e editar».¹⁵

O Latim vivo, falado e escrito, para os tempos modernos, reclamava um fundamento sólido para os neologismos latinos. O grande pioneiro foi o cardeal António Bacci¹⁶, que viria a publicar em 1954 o seu *Lexicon eorum Vocabulorum quae difficilium Latine redduntur*. Em 1962, o *Lexicon recentis Latinitatis*, editado pela *Latinitas*, imprimiu um novo dinamismo ao provar que um grande número de vocábulos, tidos por neologismos, já existiam no vasto manancial lexicológico do latim clássico, medieval ou renascentista. Contudo, não deixa de apresentar uma falha grave no aspecto científico e, daí, o pensamento judicioso de António Freire: «No que mais deixa a desejar este *Lexicon recentis Latinitatis* é, quanto a nós, a omissão sistemática das autoridades abonatórias dos vocábulos registados». E acrescenta: «O dizer que a fonte principal donde foram hauridas foi o *Thesaurus linguae Latinae* que há pouco fez 100 anos e, apesar de nele trabalharem mais de uma centena de especialistas, ainda não está completo, não satisfaz, porque demasiado vago e sem possibilidade discriminatória dos autores das diferentes épocas da latinidade».¹⁷

¹⁵ António Freire, «Lexicografia latina moderna», *Brotéria* 1 (1997) 14.

¹⁶ Foi este cardeal que inspirou a Sua Santidade, o Papa João XXIII, a famosa *Veterum Sapientia*, Constituição Apostólica sobre o ensino do latim na igreja. Duas conseqüências desta iniciativa: a fundação do Athenaeum Salesianum, Universidade *altioris Latinitatis*, bem como da revista *Latinitas*, dirigida por A. Tondini e C. Egger.

¹⁷ António Freire, «Lexicografia latina moderna», *Brotéria* 1 (1997) 12.



O afamado mestre Jesuíta não se havia de ficar pela crítica. Um prodígio das Línguas Clássicas, toda a Europa do seu tempo ficaria extasiada perante a facilidade com que ele falava o Latim. Por isso, ele procura corrigir os erros apontados com uma proposta pessoal: «Processo diferente é o que estamos a adoptar no *Dicionário Moderno Português-Latim* que avança a bom ritmo e não regista palavra ou frase sem a respectiva autoridade clássica, medieval ou moderna que permita ao leitor (mestre ou aluno) justificar a sua opção. É trabalho insano, lento, que exige laboriosa paciência e meticulosa acribia, porquanto o mesmo vocábulo num autor tem uma acepção e noutro assume sentido diverso»¹⁸. Nós podemos testemunhar o seu entusiasmo e, tantas vezes, também, o seu desalento, pois adivinhava que tal empresa ficaria para sempre incompleta. Orgulhoso de ser português, interroga-se: «Será possível, num futuro próximo, ombrearmos com o que de melhor se vem produzindo na lexicografia latina moderna, na Europa e fora dela?» E logo, com desasombro ele remata: «Penso que vai ser possível não só igualar, mas porventura superar o que de melhor se está a publicar neste domínio. O *Dicionário Moderno Português-Latim*, que trago entre mãos, vai prová-lo»¹⁹.

A sua preocupação com o método de ensino levá-lo-ia a trilhar caminhos idênticos aos de outros classicistas, como Epifânio Dias, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes e, na sua esteira, Rebelo Gonçalves; isto é, uma parte fundamental da sua obra situa-se no âmbito da Filologia Portuguesa. Todos nos recordamos das suas *Lições de Filologia e Língua Portuguesa* (1983) – do *Antelóquio* deste livro, que resulta, em parte, de uma série de programas televisivos na RTP intitulados *Portuguesmente Falando* (1982), permitam-nos a citação deste excerto: «Algumas historietas, disseminadas ao longo de vários capítulos, se bem que tenham por objectivo amenizar os mesmos, visam também mostrar que o estudo da Língua Latina não pode nem deve ser árido, nem reduzir-se a meras questiúnculas de carácter gramatical ou filológico. É preciso que se faça através de boas leituras dos nossos melhores escritores e da correcta e elegante elocução dos mestres» –, dos *Helenismos Portugueses* (1984) ou do sapiente volume das *Técnicas de Expressão do Português* (1981), nome dado ao curso universitário escrito para os seus alunos que frequentavam esta disciplina na novel Licenciatura em Humanidades.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid., p. 14.



Até agora, falámos em dois pilares fundamentais em qualquer área de ensino / aprendizagem: programas e metodologia, cuja qualidade em muito beneficia de uma acurada investigação. Mas também a elaboração de manuais se revela essencial para o sucesso desta tarefa, como vimos. Falta ainda falar das qualidades que devem possuir os mestres, os professores.

O mestre de tantas e tantas gerações de alunos que passaram pela Faculdade de Filosofia de Braga não deixou de reflectir sobre os dotes pedagógicos que deve possuir um professor de estudos clássicos. Ocupa-se ele deste assunto num artigo publicado na *Revista Portuguesa de Pedagogia*, publicada em Coimbra; esta matéria está desenvolvida num capítulo sugestivamente intitulado «Dotes pedagógicos dos mestres: humanismo e bondade». E vai directo ao assunto: «O professor de *humanidades* tem que ser *humano*; tem que viver a finalidade das humanidades clássicas: *hominem humaniorem facere* – tornar o homem mais humano»²⁰. E, nesta linha de pensamento, acrescenta que a *auctoritas* do verdadeiro humanista se impõe pela competência e pela bondade: «É plectórica de sentido a frase de Beethoven: ‘Eu só conheço uma fonte de autoridade: a *bondade*’»²¹. Com efeito, não faz sentido algum que um professor de humanidades, todos os dias em contacto directo com paradigmas da natureza humana insuperáveis ao longo dos séculos, no plano da beleza e do humanismo, como são tantas páginas de Homero, Terêncio, Virgílio ou de Santo Agostinho, por exemplo, e, simultaneamente, seja, reiteradamente ‘duro, insensato, mal humorado e deselegante’. Daí o distanciamento entre professores e alunos: «falta-nos – diz António Freire – algo parecido ao sistema tutorial oxoniense, em que o verdadeiro professor, o que mais directamente actua junto do aluno, é um autêntico *Fellow*, como entre os Gregos, mestres à maneira de Sócrates ou Platão, eram apelidados *ἐταῖροι*, *companheiros*»²². E não hesita em colocar a mão na ferida:

«Mais doloroso ainda é comprovar que a ‘ronha’ dos países e comunidades pequenas – a inveja – empeçonha, por vezes, os mestres, empequencendo-lhes a alma, amesquinhando-lhes os sentimentos e compelindo-os a praticar feias injustiças e deselegâncias contra colegas e alunos que pretendem legitimamente subir e triunfar.»²³

²⁰ António Freire, «A Pedagogia do Latim», cit., pág. 276.

²¹ Ibid.

²² Ibid.

²³ Ibid., pág. 277.



E quanto à avaliação, em primeiro lugar, exorta os mestres a respeitarem o merecido tempo de descanso no verão, para que os alunos estudem melhor durante o ano lectivo. E a rematar o artigo, as suas palavras não podiam ser mais eloquentes: «não podemos recordar sem mágoa certos mestres que são o terror e o flagelo dos discípulos com mil esquisitices e, pior ainda, com a birra sistemática de reprovarem em série»²⁴.

Quase no termo do Século XX, aproximadamente quarenta anos depois, ele retoma esta ideia numa passagem com que vamos terminar esta nossa homenagem ao Mestre que Ontem, como Hoje, jamais havemos de esquecer: «Urge também inculcar aos professores da matéria e das humanidades, em geral, o que no congresso de Avinhão defendi com unhas e dentes: *Humaniorum litterarum magistri humaniores et ipsi se praestent oportet*: 'é preciso que os professores de humanidades (clássicas) dêem o exemplo de humanismo'. Professores desumanos e sem método nem clareza são o descrédito das humanidades»²⁵.

²⁴ Ibid., pág. 278.

²⁵ António Freire, «Lexicografia...» cit., pág. 17.